

Eu, Preso – EP6: Mulheres mulas – Transcrição de diálogos

[Nduduzo] Meu nome é Nduduzo, eu sou da África do Sul, eu tenho 30 anos.

[Nduduzo] Eu tô aqui no Brasil há quase cinco anos. Em setembro, eu fui presa em 2013, “respondeu” por processo durante três anos e seis meses dentro da penitenciária, e agora eu tô de liberdade, eu sou cantora, professora de dança, atriz nos espetáculos de teatro.

[Yesica – em espanhol] Meu nome é Yesica Carolina Romero Piña. Tenho 22 anos, eu sou venezuelana.

[Yesica] Fui presa por tráfico internacional de drogas no aeroporto internacional de Guarulhos... com Carlos. Carlos é o jovem com quem estava viajando. Ele me usou, ele me usou como mula. Ele me convidou a viajar para Europa, me deu de presente algumas malas e me disse que iria pagar todos os meus gastos. Ele invadiu minha mente e eu, tão inocente, acreditei em suas palavras. Acreditei em tudo porque vi nele uma pessoa sincera, o considerei uma pessoa honesta, que realmente queria o meu bem, sem pensar mais além, em quais poderiam ser as consequências.

[Cláudia] O que que é uma mulher mula? Acho que a primeira coisa que a gente precisa é pensar no significado. O que que é a mula? A mula é o animal que carrega, que transporta coisas. E quando você associa a figura da mula à figura da mulher, você desumaniza essa mulher e a coloca no lugar daquela coisa, ou daquele animal, que só serve pra fazer o transporte. Ela tem uma função de carregar, ela só se presta àquilo, ela tem um papel restrito.

[Carmem – inglês com sotaque] Sou da África do Sul, tenho 35 anos. Já estou na PFC há um ano por tráfico de drogas, cocaína, especificamente. Fui buscar a entrega em Campo Grande-MS, que aparentemente eram drogas. Na volta para São Paulo, para embarcar para Joanesburgo, fui pega na blitz no caminho. A polícia parou o ônibus. Eles entraram e então realmente revistaram todo mundo. Eu confessei o que tinha na minha bagagem, e aí, bem, eu fui presa.

[Cláudia] E a gente pensa nesse símbolo da mulher que carrega drogas, que ela vai se prestar a esse papel limitado, onde assume, colocado a ela, esse peso de assumir as consequências e depois ela é descartada como se fosse esse animal que carregou e que se serviu única e exclusivamente àquela função, nada a mais.

[Nduduzo] Quando eu vim parar no Brasil... já faz cinco anos, eu vim aqui era 2013, eu era era uma viagem mesmo. Quando eu estava vindo pro Brasil, minha família não sabia que eu estava vindo pro Brasil, somente uma amiga “meu”. Quando eu estava me preparando para voltar para África do Sul, ela me ligou: “Aí amor, eu tô vendo que você já está voltando já.” Eu falei: “É” Ela falou: “Por favor, me ajuda, eu comprei esse perfume no Brasil pra começar meu emprego, só que eu não tenho dinheiro pra transportar de lá pra cá. Você tem muitas coisas que você tá trazendo?” Eu falei: “Não, tem espaço.” Ele

falou: “Então tá bom, eu vou entrar em contato com a pessoa da loja, eles vai entregar pra você” Chegou no aeroporto, fiz meu check in. Antes de embarcar, “vem dois policial”, e eles me “chamou”. Eles “falou” que eles iam revistar minha... minha mala. E eu falei: “Então tá bom!” Eu abri, ele “olhou” minhas roupas, tudo, abriu as caixas de perfume e me perguntou assim: “E essas perfumes?” Eu falei: “Ah, um amigo meu me pediu pra levar pra ele, na África do Sul. Ele comprou para o negócio dele.” E aí ele pegou uma coisa pra cortar as embalagens. Quando ele abriu, tinha, eu não sei como explicar como era aquele perfume, mas dentro tinha perfume em cima e embaixo tinha embalada a cocaína. E aí, eu lembro que aquele policial olhou pra mim e falou: “A casa caiu, Beyoncé”.

[Cláudia] A gente precisa pensar em quem são essas mulheres. Em sua maioria, quando são mulheres estrangeiras, elas também vêm de países cuja realidade é extremamente pobre, é também extremamente vulnerável.

[Yesica] A única coisa que eu queria era sair da Venezuela. Minha aspiração era sair da Venezuela, mas nunca tive a possibilidade. Quando se apresentou a oportunidade, eu agarrei. Se não fosse assim, eu nunca teria saído da Venezuela, porque não tinha os recursos para isso. A gente também pode fazer um recorte étnico-racial, mulheres negras. E se a gente for pensar, países do continente africano, mulheres haitianas, mulheres de realidade de países, é... sul-americanos e do Caribe, hã... e aí a gente pensa também na seguinte situação: essas mulheres vêm transportar a droga, mas elas são as grandes traficantes? Não! Elas apenas são utilizadas como instrumento dos grandes traficantes, mas elas são apenas a pessoa que está na ponta. Que está aqui na base, ela é apenas a simples transportadora e, ao chegar aqui, por motivos diversos, ela é encarada pela lei como a grande traficante internacional.

[Carmem] É muito mais desafiador do que nos dizem, antes de a gente vir. Eles não falam os detalhes como: “Tenho uma oportunidade, mas você pode acabar na prisão, tenho uma oportunidade, mas você pode acabar morrendo no caminho.” Carregar drogas é muito perigoso, não é uma coisa simples de se fazer.

[Cláudia] Quando há um agravamento na situação econômica desses países, você tem o aumento dessas presas estrangeiras buscando demandas por vida, por uma vida melhor, e o caminho que se torna a única alternativa, por vezes, é o caminho de se tornar uma mula do tráfico.

[Yesica] Conheci muitas pessoas aqui, tive a oportunidade de conhecer muitas mulheres. E eu perguntava: “Por que você traficou, se o teu país não está numa situação tão crítica como está o meu?” “Por que fez isso?” “Porque precisava do dinheiro, porque meu salário não bastava, porque sou chefe de família, porque meu filho está doente, porque meu filho está doente, Considero que são motivos justificáveis.

[Carmem] Enquanto você está crescendo, você tem sonhos. Não posso

viver calçando chinelos pro resto da minha vida. Estou amadurecendo, precisando de mudanças. Não quero que meus filhos cresçam da mesma forma que eu. Acho que esses são os motivos que Acho que esses são os motivos que me guiaram a tomar essa decisão, de ser uma mula do tráfico, de aceitar esse trabalho.

[Cláudia] E a gente precisa entender que, tanto aqui no Brasil como fora do Brasil, uma mulher presa é sempre aquela figura que a família vai ver como a vergonha.

[Yesica] Para meus pais, foi um golpe muito duro saberem que estou na prisão, porque eles me imaginavam formada, e não presa.

[Cláudia] O Estado, quando encarcera essas mulheres, ele vai puni-las pelo fato de ser mulher. Ele vai encarcerar os seus corpos, vai encarcerar o seu direito de ser mãe, de ser mulher, de exercer a sua sexualidade. Se a gente for pensar no exercício desse direito humano para as presas brasileiras, imagine as presas estrangeiras!

[Pedro] Para o preço da droga, para a pessoa que usa a droga, tá lá incluído no preço a perda dessas mulas.

[Julita] E é absolutamente dramático, né?! Porque são mulheres que, em grande parte, perdem o contato absoluto com a família.

[Pedro] Isso não afeta em nada o tráfico de drogas, só afeta essas pessoas, que são mulheres que não tinham... a pessoa falar: "Não, eu vou pra outro país com droga escondida no corpo." É porque ela está precisando muito daquilo, é muito vulnerável.

[Julita] É realmente uma punição extraordinária pra uma mulher que frequentemente está tentando conseguir... o que vai manter seus filhos longe da fome.

[Yesica] Senti que meu mundo desmoronou no momento em que fui presa, em que me vi algemada. O momento em que deixam de te tratar como... deixam de te tratar como um indivíduo particular, e começam a te dizer que você está presa. E que você não tem direito a nada. Porque, no momento em que me algemaram, eu disse: "tenho fome", e o policial me disse: "você está presa".

[Carmem] Você se sente no inferno, Parece com... bom, eu não sei. Parece com... é ruim. É muito, muito ruim.

[Cláudia] Se, aqui no Brasil, uma mulher presa é... é difícil, a família rompe, não se fala mais o nome dela, não se menciona, Porque ela está num lugar em que ela não deveria estar, que é o lugar da prisão. Então vocês imaginem isso em relação a uma presa estrangeira. Como essas culturas dos países de que essas mulheres vieram, como que essa mulher ela é encarada, né? Por suas famílias.

[Yesica] No momento da prisão, os policiais federais dão direito a uma ligação para a pessoa avisar a família. Eu não quis avisar meus pais, tive muito medo.

[Carmem] Eu nem tenho a foto deles, nunca pedi fotos deles, não tenho. Não quero olhar pra eles e começar a lembrar, começar a sentir. Eu não quero.

[Cláudia] Além de ser a mula que transportou a droga, ela é a mula que vai carregar todas as culpas, pelo fato de não conseguir, de não ter conseguido dar à família o sucesso, o êxito com o qual ela sonhou.

[Carmem] Uma parte de mim não está contente comigo mesma, entende? Uma parte de mim pensa que, se eu falar com eles, talvez eu me sinta mais confortável. Deixe-me sentir a prisão, entende? Deixe-me Deixe-me sentir tudo isso, para que eu saiba que, se um dia eu sair daqui, nunca vou olhar pra trás.

[Nduduzo] A maioria das mulheres que sai da prisão, “ele” se esconde, a maioria “deles”, “eles” morre em silêncio, calada, pensando sobre a sua vergonha de ter a passagem nesse sistema. Mas, pra mim, dizendo que eu tenho essa vergonha, mas essa vergonha eu não posso me calar.

[Cláudia] A gente precisa pensar também naquela mulher egressa, presa estrangeira, mula do tráfico também, que consegue se reinserir aqui no nosso país. Começa, com muita dificuldade, a gerar uma renda pra si, só que, como é que vai fazer, agora que ela está começando a se reinserir, a... a se tornar sujeito da sua própria história, a começar a ter um protagonismo aqui e, de repente, chega o decreto de expulsão?

[Nduduzo] Minha família não entende todas as minha lutas. Não é que eu não quero voltar, realmente, se eu “consigo” voltar hoje, eu voltaria, mas eu não quero voltar sem a garantia de que eu vou entrar no Brasil de novo, isso não dá!

[Yesica] Entendo que todo venezuelano que já está no estrangeiro dificilmente regressa, porque, aqui no Brasil e em outros países, temos mais possibilidades de trabalho, temos comida, que é importante e que não há na Venezuela. Temos comida. E bom, é isso. Eu pelo menos sei porque saí: para buscar oportunidades.

[Carmem] Vou definitivamente voltar para casa. Mas antes de voltar pra casa, já conheci a vida dentro de uma prisão no Brasil, Eu quero, eu quero... conhecer um pouco sobre a vida do lado de fora, a vida real do Brasil. A vida fora da prisão.

[Nduduzo] Eu estou com uma vida aqui no Brasil, eu estou trabalhando aqui no Brasil, eu estou trabalhando com com “meu música”, eu estou fazendo teatro, estou começando a dar aula de dança Zulu, eu estou tentando lançar minha linha de roupa tradicional sul-africana. Daqui a pouco, eu vou estudar, eu estou planejando a voltar pra universidade.

[Cláudia] Não se pensa, é... no pós-condenação dessa mulher, ou,

ainda que ela esteja aqui, como vai se dar a reinserção dessa mulher na sua comunidade de origem? Não se pensa nisso.

[Yesica] Se tiver uma oportunidade, eu vou estudar no Brasil ou em qualquer outro país, farei isso. Porque meus planos são outros, sempre foram, porque eu projetei a minha vida. Mesmo que esteja na prisão, não quer dizer que isso vai roubar os meus sonhos. Claro que não!

[Carmem] Eu quero continuar sendo uma empreendedora, não diria que só de salão de cabeleireiro. Eu simplesmente amo moda, amo tudo sobre roupas e coisas relacionadas a beleza. Então adoraria... adoraria continuar isso.

[Nduduzo em inglês] Ah, sim, também queria te perguntar o que você tem pra mim. Agora você já sabe o que eu quero.

[Mulher] Já viu o estilo do meu cabelo?

[Nduduzo em português] Não é que eu estou fazendo isso pra mim, mas eu estou fazendo isso pra abrir esse caminho, pra dizer com todas essas pessoas que eu conheci lá dentro, que algumas delas "está" aqui fora sofrendo. Tem as pessoas que "está" aqui fora com dez anos, que "está" ainda sem documento, sem trabalho.

[Cláudia] Ela não quer potencializar não só a culpa pra sua vida, mas ela quer transformar sua realidade e exercer o protagonismo a partir daí. E, de repente, a volta pro seu país de origem acaba se tornando uma ideia, uma situação inviável, porque ela pensa que ela pode ser a porta voz, ou a voz de mulheres que dentro do universo prisional, são as que menos têm voz ou que são as mais invisíveis.

[Nduduzo] Então pra "mim" conseguir aqui no Brasil, vai dar pra essas pessoas essa chance. Pra "mim" conseguir na África do Sul, isso vai ser só pra mim mesmo.

[Carmem] Eu ainda quero fazer muita coisa, quero fazer muito. Além da minha família, por outras pessoas. Achei que estava sofrendo, mas vi pessoas que realmente estão. Se eu tivesse uma oportunidade de ser parte de algo, um grupo de reabilitação para usuários de drogas ou mesmo mulas dos tráfico.

[Yesica] Por que quis falar para as câmeras um pouco da minha história? Porque sinto que sou um exemplo. Porque sinto que minha história de vida é algo que as pessoas veem e talvez digam: "Eu não posso" "Eu não posso". É para que vejam que existem pessoas que realmente se viram frustradas e ainda conseguiram. Que se eu pude, você também pode. Que se eu sou uma pessoa jovem, uma adolescente com tantos sonhos que, lamentavelmente, neste momento, está um pouco frustrada. É uma queda, mas vou seguir adiante. Acho que as pessoas têm que poder ver mais além, analisar e pensar, não ficar no lugar onde estão.

[Nduduzo] Eu consegui achar a minha voz dentro da penitenciária, eu

não sei como, eu nem sei por quê. Mas eu estou aqui, tentando usar essa voz pra tentar liberar, não só eu, porque eu ainda estou lutando pra minha liberdade que ainda eu não tenho. Mas, com essa luta, cada dia que eu levanto da cama, até eu estou pensando em desistir mesmo, eu penso sobre essas mulheres, que ainda “está” na PVZ, que ainda “está” no Santana, que ainda “está” no São Miguel, que ainda “está” no Butantã.

[Julita] São mulheres já vulneráveis, quer dizer, são mulheres, que no seus países de origem, são aquelas que estavam com dificuldades de... é... enfim, de comprar comida pros seus filhos no dia a dia. Então, na verdade, elas estão servindo a um grupo de traficantes que está trabalhando ali naquele varejo também, muito tangencialmente.

[Pedro] Acho que esse é um contexto da guerra às drogas em geral, quer dizer, que se cria uma estrutura econômica que se aproveita dos mais pobres, dos mais vulneráveis, é... pra sua estrutura econômica, para gerar o benefício/lucro pra, pra... para uma série de pessoas, que não são as pessoas atingidas pela guerra às drogas.

[Julita] E não é o grande traficante que está se servindo dessas mulheres, né?! Então é tudo muito perverso, né? Tudo se retroalimenta.